

Bando Escholastico

O S. NICOLAU EM GUIMARÃES

Recitado em 5 de Dezembro de 1900

Pelo estudante vimaranense aposentado em philosophia da cabula

Antonio de Padua da Silva Cardoso

S. Magestade Celeste o S. Nicolau, attendendo a que é fim de século XIX, em que ha perdões para culpas e recompensas para virtudes, e que já decorreram seis annos desde que resultada forum as antiquissimas e archeologicas festas de *vello profano* que a nobre e afamada Academia Vimaranense de *Philosophia Logica e Latin* presta ao meu nome, julgando-me um pandego de outras eras, e, *Comillando* que me lisonjeia essa antiquissima e original tradição da vella Araduen...

Mando, que, pelo meu secretario e interprete d'este anno Antonio Padua, sejam louvados os seguintes meus fieis estudantes de outrora...

Os vellos entusiastas: P. Veiga, Nicolau Felgueiras, Domingos do Menino de Ouro, Antonio Carneiro, Alvaro Vieira, Antonio Chaves, Agostinho Ferra, P. Garcia, José de Freitas Carneiro, Joaquim Martins, João Barbosa, João Amaral, P. da Barreira, P. Lima, P. Monteiro, P. Augusto da Assumpção Costa, Jacintho Dias, dr. Andrade e P. Casimiro.

Os novos entusiastas: Albano Bellino, Pedro Lolo, dr. Antonio Basto, Alberto Margaride, José Pina, Ferreira da Paz, Domingos Rato, Jeronimo Rato, Fernando Lindoso, Jeronymo Sampaio, José Roriz, Rocha Lima, Antonio Guimarães, João Campos, Francisco Quilroz, Florencio Lage, Antonio Oliveira, Alvaro Oliveira, Antonio Infante, correspondente do *Janeiro*, toda a illustrada imprensa de Guimarães e todos os mais cujos nomes presentes não tenho.

Perdoando as culpas, recompensando o merito e a virtude da patria-filiação.
Palacio Celeste, 5 de Dezembro de 1900.

Ultima despedida

PARA SEMPRE

Vá lá mais uma vez... ficando reprovado,
Repto mais um anno a esculda schenta!
Assim me acontecerá no tempo assignalado...
Da Lua, que, no Quinto... nos céus afugenta...

Molten-me n'esta festa o domo do Sampaio!
E para nunca mais, não sei que mais observe...
Aos novos recortei, xeraps e flores de Maio.
Os meus vão desfolhar—são musas de Malherbe.

Os novos tem mais vida os versos mais recanto
Inspirações da Aurora e flores da Primavera,
Eu... vivo já no Outono—e riso feito pranto!
Castello arruinado onde vegeta a herba!

Se depois de eu morrer lembrar-vos a macada
Que seis annos me deva e que não pouco vale
Levai-me uma saudade, ao menos, desfolhada,
Meu Espirito evocai... porque... *talvez cas falle*.

Seculo da Luz... adeus... Poente... o sol fenece!...
Seculo Vinte surge... Aurora, resplandece...
Nasças tu, muito embora, em negra tercafeira
Has-de ser o melhor... a era mais fagueira...
Na Paz e na Verdade, o seculo mais facundo!
O mais santo e feliz desde que o inundo é mundo!

A guerra! assassinato e roubo collectivos
Que a propria lei consagra... a Historia faz altivos.
Um dia ha-de acabar... Nações—á penitencia...
A' luz do Evangelho!... ao Credo da Sciencia!...
Os Lesseps rasgarão os istmos das fronteiras,
O amor da Humanidade arvorará bandeiras,
Filhos de Carlos IX... abaixo o arcabuz,
A espada ha-de partir-se humilde aos pés da Cruz.

Kruger synthetisa a grande Humanidade
No amor á independencia, á Patria, á Liberdade

A velhissima lenda espirita... *os annos*!
Já falla d'ella Homero, o Tiresias na Odyssea,
E Virgilio na Eneida, a Biblia em Israel,
Já Saul evocara a sombra a Samuel,
Almas do outro mundo... Sciencias positivas...
E golpes de escapello... em torças redivivas...

Silencio que é melindre arrepiar as crenças,
Que enredam corações em espiraes immensas...
E não é dado a nós os leigos n'esta leria,
Investigar alem das raías da materia,
Dos astros para alem... se lá é o outro mundo,
A Deus é que pertence assumpto tão profundo.

Se fosse verdadeiro o tal Espiritismo
Que saudação febril! que poemas de lyrismo
Não haveria hoje ao ver junto de nós
As almas do outro mundo!... os mortos!... os avós
D'esta festa senil, que, em todo o mundo, é virgem
Dizendo-nos então qual foi a sua origem.

Padres—Caldas—Abrou—Sargenta e o grande Mico
Espiritos gentis do Nicolau de outrora
Que riam, como ii no mez de Maio a Aurora
E davam á cidade, em gelido Dezembro,
Risos de sol aos mil...

Com que saudade os lembro!

A meza pé de gallo, o carro d'estas flores,
Medium seria então, n'um thalamo de amores,
A mais nobre e gentil das damas da cidade
Que n'esse tempo vira a flor da mocidade.

Foi prohibido o jogo... o jogo-se... decerto...
No silencio da noite esconso... e no deserto...
Afinal que fazer?...

E' um jogo a propria vida
No amor, na fortuna a Sorte é apoteosida,
Loucura é prohibir com ordem tão ufana
Um vicio inherente á natureza humana,
O jogo é muito antigo e d'era já primava
Já mesmo o Pae Adão jogou com a Mãe Eva
Melhor é reformar o Cadiga Penal,
Pagar contribuição, legalisar o Mal.

Tricanas... vosso amor é o S. Nicolausinho,
O santo mais brejeiro, em Guimarães, no Minho,
O proprio S. João fica a perder de vista,
Nicolau é mais gallo! é mais ativa crista!
Nascendo no outono, e proximo do inverno,
Dá-nos maior calor e tem amor mais terno,
Se elle agora soubesse o que por cá retumba
Desceia lá do céu, vinha tocar zabumba
Formosas, louvai sempre a festa peregrina
Dai palmas, deitai flores á capa e á batina.

Ha memorias que tem na Historia um monumento
Foi grandiosa a festa... a do pensamento!
Rasgára-se o Azul da Immortalidade...
—A alma de Sarmiento, em prantos de saudade,
Mandou cá, para a terra, e na consagração
Bênçãos e flores d'alma á grande commissão
Que saube relembrar em hymnos de louvor
O seu mais querido filho, o seu maior valor.

Senhoras—perdoai, é pobre o pensamento!
—Houve ecypse total do Sol, no arduo momento!
Foi este anno o assombro! a Sciencia teve a gloria!
Mas foi o vosso olhar a causa da victoria!
O Sol tem sempre horror aos astros seus rivais!
Não foi a Lua a sombra, E' vós que brillais mais
A Historia vos saúda em ovação real,
Anjos de Guimarães, filhas de Portugal!

Companheiros do Estudo... Estrondo e da Pilheria
Attendei-me a final...

Espirito e Materia

Andam agora, em lucta, a ver, se enfim, termina
A bombaria infrene, a guerra mais moína
Que a nevrose se faz, á historia... á idade,
Que desculpar não pode a louca mocidade!
Mas fim de seculo, agora, enfim tenham paciencia
Hão-de as pelles zurrar com toda a violencia!

Castella e attendei ás regras musicas
Da orchestra do Zé Pereira e não toqueis de mais...
A musica anda em tres... Regras que já vos conto:
Melodia, harmonia e mais o contraponto,
Pra bem se executar—tres coisas, e aposto:
A sensibilidade, a intelligencia e o gosto,
E claves são as tres de lá, de sol e dó,
Vozes são tres tambem, tres os compassos só,
Accidentes, bemol, bequadro e sustenido,
Instrumentos são tres—e fique d'finido:
Ha de sopro, de corda e ha de percussão,
E' d'estes que se faz a mais real funcção,
Meyerbeer, Mozart, Mendelssohn, Puccini
Schubert, Massenet, Beethoven, Rossini
E Chopin a chorar!... e Offenbach a rir,
Já ficam muito aquem... não podem resistir
No arrango orchestral, no sublimo aparato
A' obra genial do maestro... Wagner é o auctor da musica...
Mas o nosso Zé Pereira é musica *analytica*,
Que faz todas as tons, todos os andamentos
O *presto*... o *presto*, o *largo* e os mais lantos.

Vá... uma... duas... tres... *Andante* e muito forte!
—Um hymno festivo que ponha mélo á morte!

Paulo Caldas.